

Museu Agustina Bessa-Luís – breve história de um projecto¹

Museum Agustina Bessa-Luís - brief history of a project

Sérgio Lira

Green Lines Institute for Sustainable Development / CLEPUL

Há anos (mais precisamente em 2008), sob o desafio pertinente e acutilante de Isabel Ponce de Leão, interessámo-nos por Agustina, por uma perspectiva que nunca nos havia surgido ao pensamento: a musealização de literatura, mais especificamente, musealização de um autor de literatura – não na (velha) ideia da casa-museu, do ambiente de vida de alguém, mas de musealização da própria obra, assumida ela mesma como peça museológica. Desse desafio surgiu um primeiro texto e uma primeira apresentação pública da ideia, que depois foi sendo maturada e desenvolvida em subseqüentes artigos, publicações, presenças em encontros científicos – para vir a desembocar na formulação de um projecto exequível do Museu Agustina Bessa-Luís.

A tal ideia original foi dada a público e à estampa por ocasião de um evento comemorativo dos seus 60 anos de vida literária (Lira, 2008), e o bom acolhimento que teve levou-nos a elaborar sobre ela e, um ano volvido, publicámos novamente no âmbito de um evento de museologia (Lira e Ponce de Leão, 2009). Nesse mesmo ano reunimos uma equipa de onze investigadores, das áreas da museologia e da literatura (entre outras) e submetemos o projecto à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (tendo vindo a receber a crítica que será objecto de análise mais à frente neste texto). O desenvolver da investigação levou-nos a publicar, ao longo de 2010, mais dois textos (Lira, 2010; Ponce de Leão e Lira, 2010), o mesmo tendo ocorrido em 2011 (Lira e Ponce de Leão, 2011; Ponce de Leão e Lira, 2011). Foi esse também o ano da ressubmissão do projecto à FCT (também em análise mais à frente). Finalmente, já em 2012, publicámos em revista da especialidade (Ponce de Leão e Lira, 2012), firmando o propósito de não desistir da ideia e do projecto. Nestas publicações fomos

¹ Este texto baseia-se na publicação que fizemos em Ponce de Leão, I. e Lira, S. (Coords.) (2015). *Cultura XXI. Labirinto de Letras*.

avanzando no trabalho sobre o que deveria ser o programa museológico, alicerçámos as bases teóricas do que entendíamos dever ser este Museu, avançámos com as questões da sustentabilidade dos patrimónios literários e começámos a explorar alguns dos aspectos que reputamos de mais significativos da obra de Agustina para a construção de algumas das áreas do Museu (personagens, cores e texturas, entre outros) – foi, sempre, um trabalho de equipe, onde cruzámos museologia com literatura, de forma intencional e propositada.

A primeira versão do projecto apresentado à FCT foi a de um *web-museum*; claramente enunciado como tal, prescindia o projecto de toda a complexa construção de um museu físico, alijando a pesadíssima carga financeira e logística que tal acarretaria – por opção teórica e por noção clara de que outra qualquer solução seria, inevitavelmente, impossível de executar, pelo menos em tempo útil. Assim, a defesa da opção por um *web-museum* não se fazia apenas pela negativa: as potencialidades comunicacionais de tal solução atraíam-nos sobremaneira e pareciam-nos perfeitamente adaptadas os objectivos então traçados e que eram, em linhas gerais, descritos no resumo do dito projecto (perdoar-se-á, certamente, a longa citação):

O Projecto Museu Agustina Bessa-Luís parte de uma ideia muito simples: o vasto, muito rico e parcialmente inexplorado universo de produção artística da Autora, uma das mais significativas escritoras portuguesas da actual geração que, defendemos, pode ser o tema de um museu de características singulares e inovadoras. Não de um museu de uma pessoa (vulgarmente designado como “Casa-Museu”) mas de um museu acerca de uma obra literária. (...) Em função das suas características únicas, este projecto está concebido como uma partilha de trabalho e de investigação entre especialistas de museologia e de literatura, sendo exactamente esse o núcleo da sua metodologia. A programação museológica, a museologia e a museografia, e a análise literária constituirão as tarefas principais ao longo do projecto, visando a preparação de um museu que possa apresentar o universo rico e complexo da obra de Agustina. Como referido nas comunicações supra-citadas, não é intento deste projecto um museu estático que exiba “1^{as} edições” ou objectos pessoais da Autora – se bem que alguns destes possam ser bem recebidos nas suas colecções: pelo contrário, é convicção da equipa que este deve ser um museu vivo, que interprete e apresente a obra de Agustina, tornando-a acessível a um vasto e diversificado público que será convidado a explorar de maneira lúdica e educativa os aspectos mais interessantes da obra da Autora. Este é, de facto, um

projecto inovador, uma vez que o número e variedade de museus de literatura, em todo o mundo, é relativamente escasso. É possível apontar museus que foram concebidos como museus nacionais de literatura, ou de língua, e cujo objecto é a produção literária nacional (cf. exemplos na secção 3 desta candidatura) e alguns outros mais focados em autores ou episódios locais, como é o caso de alguns museus japoneses (Kamakura Museum, 1985; Himeji City Museum, 1991; Fukuoka City Museum, 2002). No entanto, e tanto quanto nos é dado conhecer, nenhum destes apresenta o trabalho artístico e literário de um autor, explorando as suas originalidades e profunda análise social, como é o caso da escrita de Agustina. Acresce que Agustina relaciona a literatura com outras Artes (por exemplo a pintura) permitindo aqui um vasto e inexplorado território de análise e interpretação. A equipa de investigação reunida em torno deste projecto inclui investigadores nas áreas da museologia, literatura e teoria da literatura, estudos de género (uma das temáticas enfatizadas pela obra de Agustina) e programação cultural. Consultores externos foram também agregados ao projecto, especificamente na área da Museologia (Emeritus Professor Susan Pearce), na área da Literatura (Professor José Carlos Seabra Pereira) e das Artes (Mónica Baldaque). Todos os membros da equipa de investigação têm experiência em projectos anteriores, nacionais e internacionais. O projecto está definido como um projecto a 3 anos (36 meses) permitindo incluir 3 principais áreas de trabalho: museologia e programação cultural, literatura, e presença web. Cada uma das duas primeiras está dividida em tarefas específicas (como descrito na secção própria). Diferentes áreas de investigação serão desenvolvidas em simultâneo, podendo os resultados de tarefas específicas alimentar outras tarefas (exemplos: análise literária permitirá programação de partes da exposição; primeiras definições do programa museológico permitirão iniciar a tarefa da presença web do museu). Esta estratégia de trabalho cruzado permitirá poupar tempo de projecto e apresentar alguns resultados, logo visíveis nos primeiros meses. As principais metodologias adoptadas neste projecto são as que se provaram correctas para programação e projecto museológico (em suma: definição do programa do museu, definição das colecções, regras de inventário e gestão de colecções, função social do museu, serviços educativos e públicos, plano das exposições, projecto museográfico incluindo legendas e outras estratégias de comunicação) e ainda aquelas necessárias para a análise literária e para a programação cultural – informação detalhada será apresentada nas secções seguintes desta candidatura. Como resultado final, este projecto almeja a produção de um museu web, também realizável no futuro do ponto de vista do programa e do projecto num museu físico a construir, incluindo uma análise

estruturada e completa da obra da Autora. No final dos 3 anos de projecto o museu terá a sua presença web firmada, e esta será a base de trabalho para a realização do museu físico. Esta estratégia impedirá um erro grave, embora comum – a construção de um edifício primeiro que exige, pela sua pré-existência, a adaptação do programa e projecto museológicos a uma realidade que lhes é estranha.

Quando recebemos os resultados da avaliação da FCT não pudemos deixar de esboçar um sorriso, entre a surpresa e o cinismo: apesar de genericamente positiva na avaliação, a FCT não concedeu financiamento ao projecto firmando tal decisão na crítica (outras havia, mas esta era decisiva) de que para um projecto de um *web-museum* fazia falta à equipa... um arquitecto (e não, não era um “arquitecto de *software*”, era mesmo um arquitecto de edifícios...); criticava ainda a FCT que o projecto não explicava com faria o que (explicitamente) declarava não querer fazer: o museu físico. Ou seja, a FCT avaliava o que **não** estava no projecto, em vez de avaliar a proposta apresentada. A contestação que a estas críticas formalmente submetemos não gerou, por parte da FCT, nenhuma reacção, impondo-nos um silêncio de menosprezo que, não fora o tal cinismo, nos haveria de ter pesado, porque o que apresentáramos era fruto de trabalho honesto.

Quando decidimos re-submeter o projecto, em 2011, a FCT forçou-nos a uma decisão bizarra: ou desistíamos da contestação apresentada relativamente à avaliação da primeira submissão (cuja resposta nunca havíamos logrado receber), ou não seria aceite a segunda. Optámos por desistir da contra-argumentação e submeter o projecto pela segunda vez, colmatando todas as críticas que haviam sido apresentadas (até a inclusão de um Doutoramento em arquitectura na equipa de investigação, imagine-se!). O resultado da avaliação desta segunda submissão foi ainda mais extraordinário: a FCT, para além de voltar a insistir na tecla do museu físico (totalmente fora do âmbito do projecto apresentado) resolveu criticar a falta de especialistas na equipa, nomeadamente nas áreas da museologia e da literatura. Convém esclarecer que a equipa contava com dois investigadores na área da Museologia, ambos com Doutoramento e larga experiência de investigação, e com a *Emeritus Professor* Susan Pearce como consultora dessa área, bem como com quatro investigadores na área da Literatura, todos com Doutoramento sendo dois deles Catedráticos, todos com documentada carreira de investigação e publicação, e com o Prof.

Carlos Seabra Pereira como consultor dessa área. Desta vez, o tal sorriso deu lugar a um esgar de algum asco – não apenas a FCT se permitia avaliar o que não estava no projecto, como desprezava de forma deselegante (para sermos eufemísticos e contidos nas palavras) algumas das mais significativas referências curriculares, nacionais e internacionais, das duas áreas-chave do projecto: Museologia e Literatura. Estávamos, já não restariam dúvidas capazes, ou perante uma relevante ignorância, ou perante uma inexplicável má-fé. Não queríamos acreditar, nem numa, nem noutra e, por isso, voltámos a contraditar as críticas da FCT, que desta vez e na nossa opinião, raiavam o ridículo; o que contrapusemos foi (*ipsis verbis*) o que segue:

The decision is based on two main criticisms:

A) 1st criticism - The lack of plans to transfer the museum into a physical museum. Quote1: "The proposal would have been stronger if more information had been provided on how the plans might transfer into a virtual or physical museum." Quote2: "The proposal would have been strengthened if there had been more detailed information on how the plans might transfer into a virtual or physical museum".

Argumentation: The submitted project is NOT about a physical museum, as clearly stated in several occasions. The physical museum is absolutely not the issue in this project and the assumption that a web-museum must lead to a physical one is incorrect. Therefore that potential project (of a physical museum) is not, and cannot be, under evaluation. Consequently the remark is inadequate and does not target the core of the proposed project. The web museum is the submitted project and the only one under scrutiny of the jury. Also the budget is not about a physical museum, as it is clearly stated in the documents submitted.

B) 2nd criticism - The lack of researchers with expertise in specific fields quote: "The proposal might have been further strengthened by the participation of researchers with expertise in the design of virtual museums as well as architecture, museology and literary studies."

Argumentation: This one is outrageous as the team includes:

- 2 PhD in Museum Studies, with vast and published academic and research work, and large experience as practitioners

- 4 PhD in Literary studies (2 Full-Professors) with vast and published academic and research work and specialization in Portuguese literature (specifically in Agustina Bessa-Luís)

- 1 PhD in Architecture, with large experience both in academic work and in professional projects
- 1 external consultant in Museum Studies who is a Professor Emeritus and a Senior Researcher in the world leading University in the field of Museum Studies (U. Leicester)
- 1 external consultant in Literature who is a Senior Academic and one of the most specialized and credited Academics in the field.

Esta contestação foi submetida em Setembro de 2011 e apenas obteve resposta a 26 de Abril de 2012. Nela, o painel da FCT não se dignou pronunciar uma palavra sobre a substância reclamada, limitando-se a considerar que fez tudo bem e sem prejuízo para o projecto apresentado. Permita-se-nos, por favor, um ponto de exclamação em texto quasi-académico, porque mais se não poderá dizer de tal enormidade: como se a crítica, absolutamente desprovida de qualquer fundamento e contrária à realidade dos factos, que foi dirigida à constituição da equipa não constituísse erro grosseiro (ou negligente) e não tivesse prejudicado a proposta apresentada! Citamos na íntegra a resposta à contestação acima referida:

The overall panel comment on the proposal meets the evaluation criteria, seems to be fair and balanced and contains no gross errors or negligent acts which might have resulted in any impairment to the proposal. For this reason, there are not sufficient grounds for reversing the decision of the panel.

Porém, como a sustentabilidade do património literário não nos parece poder estar dependente de tão bizarras considerações e de tão infundadas avaliações – e que, na falta de explicação contrária, de fundamentação capaz ou de reconhecimento de falta de fundamentação, podem eventualmente ser legitimamente consideradas arbitrárias ou conformes a interesses esconsos – não quedamos a nossa actividade pela submissão do projecto à FCT. Depois do sorriso inicial, do esgar seguinte e do asco subsequente, prosseguimos o trabalho – porque nem só de FCT vive a investigação, mas sim do trabalho e do afinco que lhe dedicámos [“lhe”, à investigação, não à FCT, bem entendido].

Nos anos subsequentes a investigação foi avançado, dentro das limitações de acomodar tal trabalho nas contingências de toda a vida profissional e outros trabalhos de investigação: evidentemente, no entanto, sem a dedicação de jovens investigadores a tempo inteiro que

o projecto previa². Assim, em 2013, foi possível a abertura de um *website* que se previa ser o embrião do futuro museu, enquanto prosseguia o trabalho de investigação e de publicação nas várias áreas fulcrais do projecto – para tal concorreu o empenhado labor de alguns dos mais dedicados membros da equipa que produziram investigação e a apresentaram e publicaram, sem nenhuma espécie de apoio estruturado, em eventos nacionais e internacionais³. Mantínhamos, pois, o que inicialmente afirmáramos aquando da ideia inicial: um património literário tão rico como o de Agustina não deve, não pode, submeter-se pacificamente às vicissitudes de perda de memória a que os patrimónios literários estão sujeitos. Se a escrita de Agustina não é conhecida de muitos pela via “normal” (a leitura dos seus textos), que o seja por outras vias, talvez menos ortodoxas mas, e até prova em contrário, potencialmente mais eficazes.

Nesse pé ficou o projecto. Passados alguns anos a coesão da equipa não mais foi possível, mesmo que muitos dos seus membros tenham mantido interesses em comum, colaborações pontuais, relações académicas e de amizade. O que foi feito, do nada e sem nenhum suporte que não fosse a vontade de todos, foi pouco para o que se almejava, mas foi alguma coisa... o travo amargo da iniquidade displicente é que não deixou de se fazer sentir, e cada um de nós abraçou outros projectos, menos sujeitos a vilipêndio, porque não dependentes da FCT.

A ideia de que o património literário pode (eventualmente, deve) ser mantido, trabalhado, transmitido e estudado de formas alternativas, com novos meios e novos processos é uma ideia que nos parece manter, em pleno, valia suficiente para justificar novas tentativas; possibilitará, porventura, atingir públicos-alvo mais vastos e de forma mais fecunda, associando-se, sempre que possível, útil ou necessário ao estudo e à cultura de outras formas patrimoniais (no caso em apreço, e em função da própria escrita de Agustina, as artes plásticas). Entendemos hoje, como entendíamos então, que a complementaridade de áreas de investigação (no caso, especificamente, os estudos

² Valerá aliás a pena mencionar que pouco mais de 50% do orçamento apresentado à FCT se destinava a pagar bolsas de investigação a jovens em início de carreira e que se dedicariam integralmente ao projecto, enquanto mestrandos e doutorandos nas áreas da literatura e da museologia.

³ A título de exemplo se refere o painel temático sobre Agustina, organizado para o Congresso “Ilhas e Continentes: (re)construções identitárias” que decorreu no Funchal em Setembro de 2013.

museológicos e os estudos literários, embora outras áreas de estudos tenham sido convocadas e concorram para o projecto do Museu) e de áreas temáticas é favorável à sustentabilidade dos patrimónios, é caminho para essa sustentabilidade. Arriscamos mesmo dizer que, em alguns casos, será única via para a atingir de forma cabal.

Com a distância que o tempo confere, e com a experiência de tantos outros projectos iniciados, e levados a cabo com êxito, sem necessidade do processo aviltante que é suportar críticas fútuas, superficiais, infundadas e pesporrentes, fica o ponto marcado e datado: o Museu Agustina Bessa-Luís foi uma boa ideia, recebeu contribuições sérias, deixou publicações significativas, marcou presença na *web*... e feneceu. A ideia original, porém, está viva e devidamente registada – e poderá ressurgir a qualquer momento, num outro contexto.

Bibliografia (por ordem cronológica)

- Lira, S. (2008), E se houvesse um Museu Agustina Bessa-Luís? - propostas para um programa museológico, *in* Ponce de Leão, I. (ed.) (2009), *Estudos Agustinianos*, Porto, UFP.
- Lira, S. e Ponce de Leão, I. (2009). Museu Agustina Bessa-Luís, *in* *Seminário de Investigação em Museologia de Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Porto, FLUP.
- Lira, S. (2010). Museums planning and programming: towards heritage sustainability. *in* *Heritage 2010*, Barcelos, Green Lines.
- Ponce de Leão, I. e Lira, S. (2010). The Agustina Bessa-Luís web museum: characters from Agustina. *in* *Heritage 2010*, Barcelos, Green Lines.
- Lira, S. e Ponce de Leão, I. (2011). Museu Agustina Bessa-Luís: Cores e Texturas. Comunicação apresentada ao *III Seminário Iberoamericano de investigação em museologia*, no prelo.
- Ponce de Leão, I. e Lira, S. (2011). A desconstrução do mito em Adivinhas de Pedro e Inês (uma abordagem museológica). Comunicação apresentada ao *Colóquio Internacional Mito e História*, no prelo.
- Ponce de Leão, I. e Lira, S. (2012). A literature museum on Agustina Bessa-Luís work. *in* *Diacrítica*, 25/3, Braga, UM, pp. 103-108.